

INDIGÊNCIA E PENÚRIA NA ERA DA TÉCNICA

INDIGENCE AND PENURY IN THE TECHNICAL AGE

Wanderley Jose Ferreira Jr.*

RESUMO – Toma-se como referências básicas algumas reflexões do filósofo Martin Heidegger sobre o domínio planetário da técnica para mostrar a penúria de uma época marcada pelo fim da filosofia mediante sua realização como metafísica nas ciências técnicas. Explicita-se ainda como esse fim da filosofia na era do domínio planetário da técnica pode se constituir o ponto de partida para um novo começo do pensar, que pensa para além dos limites impostos pelo pensamento calculador. Na parte conclusiva do artigo procura-se determinar o caráter e a tarefa que caberia a essa nova forma de pensar e conhecer que nos aproxima das coisas tais como são.

PALAVRAS-CHAVE – Filosofia. Pensamento. Técnica. Ciência.

ABSTRACT – Take as basic references some reflections of the philosopher Martin Heidegger about the planetary domain technique to show a shortage of time marked by the end of philosophy as metaphysics by its achievement in technical sciences. It also explains how this end of philosophy in the age of planetary domain technique can be the starting point for a new beginning of thinking, thinking beyond the limits of calculative thinking. In the concluding part of the article seeks to determine the character and the task that would fit into this new way of thinking and knowing that we approach things as they are.

KEYWORDS – Philosophy. Thought. Technique. Science.

Introdução

O filósofo Martin Heidegger (1889-1976) faz um diagnóstico inquietante sobre nossa época, a era do domínio planetário da técnica: apesar da aparente abundância de meios e produtos técnicos disponíveis para

* Doutor em Filosofia – UNICAMP Professor de Filosofia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. <wanderley.jose@ueg.br>.

nosso uso e consumo, vivemos um tempo de indigência e penúria, que não pensa, mas apenas planifica e calcula. Um tempo em que, segundo o filósofo, a única coisa que ainda há para pensar é a própria ausência de pensamento (HEIDEGGER, 1971a). Entretanto, é no âmbito mesmo dessa indigência e penúria que surge a possibilidade do advento de uma nova forma de pensar e dizer mais originárias e que poderão nos libertar desse desterramento e sensação de estranhamento diante de um mundo cada vez mais uniformizado pelo cálculo.

Se na essência da técnica moderna aloja-se um perigo para a essência humana, é lá também que deve brotar, segundo o *dictum* do poeta Hölderlin, aquilo que salva. Mas esse perigo e o que salva só poderão ser vistos se extrapolarmos os limites da concepção antropológico-instrumental, que concebe a técnica como meio/instrumento submetido a vontade humana para atingir fins que o próprio homem se propõe. Ora, o homem na realidade não é o sujeito, mas o funcionário da técnica. Ele é, na verdade, a primeira e fundamental matéria-prima submetida à mobilização total gerada pela técnica por toda crosta terrestre (HEIDEGGER, 1958, 47).

A técnica, portanto, determinaria hoje todas as formas de pensar e dizer nosso ser e estar no mundo e nossas relações com as coisas. Esse domínio planetário da técnica marcaria a última época da metafísica Ocidental na qual o *esquecimento do ser* atinge sua plenitude no mundo objetivado do cálculo e da planificação total (HEIDEGGER, 1958; 1972).

Em uma conferência intitulada *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento (Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens)* (1966), Heidegger coloca duas questões cruciais: Em que medida nessa época de indigência e penúria entrou a filosofia em seu estágio terminal? E qual a tarefa que ainda permaneceria reservada ao pensamento nesse fim da filosofia? Ora, responder tais perguntas implica em colocar em questão nós mesmos e nosso próprio tempo – o tempo da maior penúria e indigência que, paradoxalmente, são vistas como sinais de progresso, bem estar e segurança. Entretanto, como já foi dito, é justamente em meio a essa extrema indigência que se abriria a possibilidade de uma nova tarefa ao pensamento – pensar a essência impensada da técnica e a *clareira (Lichtung)* na qual acontece a co-pertença Ser e homem.

Mas qual seria a natureza do pensamento apto a colocar em questão a essência até então impensada da técnica moderna e na qual se aloja não apenas o perigo, mas também aquilo que salva? O fato é que essa e outras questões aqui tratadas permaneceram em aberto para o próprio Heidegger. Entretanto, muitas vezes na filosofia o que importa não é descobrir um solo último e seguro, ou a posse definitiva de uma verdade, mas tentar abrir caminhos e propor tarefas. Caminhos que muitas vezes, como as trilhas nas florestas, podem levar a lugar algum.

A penúria de uma época marcada pelo fim da filosofia

Se é verdade que a natureza do saber filosófico é extremamente diferente do caráter de qualquer outro tipo de conhecimento verificado e confirmado a todo momento por sua eficácia, então como seria possível o fim da filosofia acontecer mediante sua diluição nas ciências tecnizadas? No reino planetário da técnica a filosofia, como Metafísica, teria atingido suas “*possibilidades supremas*”, dissolvendo-se no surto crescente das ciências que esvaziaram a problemática filosófica (HEIDEGGER, 1979a, 71). Fim da Filosofia seria, portanto, o *lugar* onde se concentra o todo de sua história como metafísica em sua extrema possibilidade. Para Heidegger, esse todo da História da Filosofia é determinado pelo pensamento de Platão, ainda que em diferentes figuras. “*A metafísica é platonismo. Nietzsche caracterizou sua filosofia como platonismo invertido. Com a inversão da metafísica, que já é realizada por Karl Marx (1818-1883), foi atingida a suprema possibilidade da Filosofia. A Filosofia entrou no seu estágio terminal*” (HEIDEGGER, 1979a, 72). O crescente domínio dos diversos setores da realidade pelas ciências seria um fenômeno essencial que conduziria a filosofia ao seu acabamento: o que seria a tecnologia senão a metafísica da era atômica.

A nova ciência fundamental é a *cibernética* – teoria do controle, da planificação e da organização do trabalho humano. Isso significa que o domínio sobre o saber é exercido pelas operações e modelos do pensamento representacional calculador. Isso é tão evidente que:

Não é necessário ser profeta para reconhecer que as modernas ciências que estão se instalando serão, em breve, determinadas e dirigidas pela nova ciência básica que se chama cibernética. Esta ciência corresponde à determinação do homem como ser ligado à *praxis* na sociedade. Pois ela é a teoria que permite o controle de todo planejamento possível e de toda organização do trabalho humano. A cibernética transforma a linguagem num meio de troca de mensagens. As artes tornam-se instrumentos controlados e controladores da informação (HEIDEGGER, 1979a, 72).

O que mais incomoda na era cibernética é a falta de um questionamento da essência da técnica moderna, que se impõe cada vez mais através de sua inegável eficácia e utilidade. E essa atitude consolida-se na exata proporção em que mais decisivamente a técnica marca e orienta todas as manifestações no planeta e faz imperar o elemento racional e os modelos próprios do pensamento que apenas *representa e calcula*. Contudo, essa diluição da filosofia nas ciências tecnizadas não significa o *fim* do próprio pensamento.

Mas será que o fato da filosofia encontrar o seu fim em nossa época significaria que nela foram realizadas todas as possibilidades do pensamento? Ou existiria para o pensamento, além desta *última* possibilidade (a dissolução da Filosofia nas ciências tecnicizadas), uma *primeira* possibilidade da qual o pensamento da Filosofia não foi capaz de experimentar e assumir propriamente? (HEIDEGGER, 1979a, 72).

E qual seria a natureza desse pensamento meditativo que prepara a *superação* da filosofia e da técnica planetária? Enfim, estaria ainda reservada a um tal pensamento uma tarefa que nem a filosofia nem as ciências poderiam realizar? Entretanto, para compreendermos o alcance de questões tão decisivas, devemos antes pensar a própria ausência de pensamento dessa época de penúria e a natureza do perigo que se encontraria na essência da técnica moderna, que aparece hoje com os sinais do progresso e bem estar.

Dessacralização do mundo

Em o *Ultrapassamento da metafísica (Überwindung der Metaphysik)*¹, Heidegger considera que o fim da Filosofia como metafísica acontece no âmbito da objetificação total de todas as dimensões da realidade, que conduz ao processo de *obscurecimento* e devastação da terra (HEIDEGGER, 1958, 82). Na medida em que o homem, o animal racional, é colocado como *besta do trabalho*, o niilismo e a devastação da terra encontram sua completude no mundo uniforme, estéril e planejado pela técnica. Essa transformação do homem numa *besta do trabalho* atesta sua cegueira diante de si mesmo e seu desenraizamento no mundo inóspito e uniformizado pelo cálculo e planificação.

Esse homem insiste em se colocar como sujeito e possuidor de uma Vontade de Potência transfigurada numa *vontade de vontade*, que devasta a terra e uniformiza as coisas pelo cálculo, submetendo tudo ao círculo perverso da produção-consumo (HEIDEGGER, 1958, 82-83). O filósofo não descarta a possibilidade de que no futuro (que está cada vez mais próximo) possam existir fábricas para repor essa matéria-prima fundamental que é o homem. A técnica torna-se, assim, a organização da penúria no âmbito de uma fabricação em massa, que se torna a única forma possível com a qual a *vontade de vontade* se mantém em ação e pode assim ser ela mesma o sujeito de todas as coisas (cf. HEIDEGGER, 1958, 111-112).

¹ Algumas notas dos anos 1936/46 foram reunidas sob o título *Überwindung der Metaphysik* (Ultrapassamento da metafísica) e publicadas em *Vorträge und Aufsätze*. Conferir edição francesa *Essais et conférences* traduzida por A. Preau em 1958.

Nesse mundo uniforme do cálculo, todas as coisas são mergulhadas numa ausência de diferença imposta por uma ação e organização regida pelo princípio de produtividade. O que obstrui as dimensões onde se poderia desenvolver uma relação mais originária com a terra, o mundo, as coisas, a linguagem. O homem perdeu sua relação com a terra e as coisas enquanto tais, não devido a um vago e acidental desenraizamento nas sociedades industriais homogeneizadas e artificiais. É o projeto tecnológico que exclui a existência mesma de qualquer coisa que não seja disponível ao poder desafiador da técnica (HEIDEGGER, 1958, 113).

Nesse sentido, na época do domínio planetário da técnica os pensadores devem suportar o destino de uma dupla distância, ou melhor, de uma dupla indigência – os deuses fugiram e não oferecem mais a segurança de sua proximidade e o verdadeiro ser das coisas retém-se em si, ou se retrai diante de qualquer tentativa de apreendê-lo pelo pensamento. Ou seja, o pensamento do Ser não vingou ainda o suficiente para poder desvelar o divino. Isso faz com que um dos fenômenos determinantes de nossa época seja a fuga dos deuses, ou seja, os homens e as coisas já não se reúnem mais na dimensão do *Sagrado*.

Mas como o Sagrado poderá habitar novamente a terra, na ausência de um pensamento e de uma poesia capazes de o celebrar? Sagrado aqui significa aquilo que permanece salvo, ou seja, aquilo que permanece intacto, inacessível a toda manipulação, a toda instalação do dispositivo técnico. Ora, o reino planetário da técnica não permite mais ser salva nenhuma região da terra. A profanação integral do mundo faz parte da essência da técnica. Na era da técnica não somente se perde o caminho para o Sagrado, mas se perde os caminhos que conduziam a esses caminhos. Portanto, a aparente ausência de carência e de penúria de nossa época deve ser encarada como a máxima indigência, onde o que salva não está presente e não é sequer desejado ou imaginado no âmbito da manipulação técnica de todas as coisas. Contudo, não é a cultura técnico-científico que mais nos ameaça, mas a ainda não pensada essência da técnica que já ameaçava nossos antepassados – é lá que se aloja o perigo, mas também o que salva (HEIDEGGER, 1972, 249-267).

Na essência da técnica impera o perigo (*Gefahr*)² que é desconhecido desse mesmo homem que se arroga ser o senhor e mestre da natureza

² O perigo aqui não ameaça apenas o homem empírico, mas à essência do homem. Nesse sentido, a ameaça de uma instalação indefinida e total da técnica por toda terra, representa para Heidegger uma perspectiva muito mais sinistra, uma ameaça de morte maior que toda ameaça de destruição física da humanidade por uma guerra nuclear. E a possibilidade de ultrapassamento da técnica dependeria de uma mudança de atitude em relação a ela e um novo olhar lançado em sua essência, vislumbrando o perigo que aí se aloja.

e dominador da terra. Entretanto, ele não encontra mais a si mesmo, isto é, não encontra mais a sua essência em nenhum lugar, apesar de se ver em todo lugar. Entretanto, esse perigo que se aloja na essência da técnica não deve conduzir a uma condenação moral da mesma ou a sua pura e simples negação como algo demoníaco, pois existe o *mistério* de sua essência.

O inquietante é que nenhuma iniciativa humana poderá o ultrapassamento da técnica. Pois, o perigo não é verdadeiramente, senão quando o homem o olha, senão quando o pensamento saiba reconhecer, além dos aparentes progressos ou aperfeiçoamentos da realidade, uma ameaça à própria essência humana. Nós olhamos para o perigo, e nesse olhar vislumbramos ao mesmo tempo aquilo que salva (HEIDEGGER, 1958, 41/45). É o próprio poeta Hölderlin quem diz no hino *Patmos*: “*Mas onde há o perigo, cresce também o que salva...*” (Cf. HÖLDERLIN, *Patmos*. Apud HEIDEGGER, 1958, 36). Segundo a palavra do poeta, portanto, não devemos esperar que onde exista o perigo também possamos imediatamente encontrar aquilo que salva. O perigo é ele mesmo isso que salva, se ele é visto como perigo. Nesse sentido, por mais bem intencionada que seja, toda salvação que não provenha mesmo do perigo não livrará o homem da ameaça que lhe advém como destino (HEIDEGGER, 1958, 83).

O caráter e a tarefa do pensamento originário

Mas, afinal, o que nós, homens de hoje, temos que fazer? Em um primeiro momento, a hegemonia do pensamento calculador exige uma tomada de *decisão* – devemos decidir se estamos aptos para a *superação* desse tempo de indigência marcado pelo domínio planetário da técnica, ou se continuaremos a *esquecer* o Ser das coisas em nossa manipulação cotidiana alimentada pela fúria da técnica. Qual seria, portanto, em uma perspectiva heideggeriana, o autêntico significado do pensar apto a ultrapassar a esse domínio incondicional de todas as coisas pelo pensamento calculador?³ Em primeiro lugar, só compreenderemos o sentido da palavra pensar, quando nós mesmos formos capazes de pensar ou aprender a pensar. Mas, como se sustenta a afirmação de que nós não pensamos ainda, se é crescente o interesse pela filosofia, ainda que por mera erudição? Para Heidegger, o interesse do homem dos dias atuais pela filosofia não garante que ele esteja preparado para pensar. A publicidade atual da filosofia só contribui para nos dar a ilusão de que

³ Sobre o significado e a experiência do pensar em Heidegger - Cf. BIRAULT, H. *Heidegger et l'expérience de la pensée*, op. cit. 1978.

pensamos, impedindo assim que nossa atenção se volte para aquilo que realmente merece ser pensado hoje – o fato de não pensarmos ainda (HEIDEGGER, 1971a, 23-24).

Mas seria uma simples negligência do homem o fato dele ainda não pensar, ou essa ausência de pensamento provém da própria natureza do ser das coisas, que sempre se desvia e se mostra indiretamente ao homem? Para o filósofo só poderemos aprender a pensar se desaprendermos a pensar conforme as regras da lógica e da gramática que têm governado o pensamento Ocidental e atentarmos para o fato da ausência de pensamento ser um destino do próprio Ser, enquanto aquilo que deve ser pensado, mas que desde sempre se desvia e retrai-se diante do homem. Como pensar esse retraimento do Ser? Como pensar isso que aparece pelo ato mesmo em que se oculta? O ser, dirá Heidegger, ausenta-se naquilo que se presentica, o ente. Essa retirada do Ser tem o sentido de uma reserva que exige mais atenção do homem que qualquer outra coisa que o cerca. Esse evento da retirada do Ser é mais presente que qualquer coisa presente, e mais atual que qualquer atualidade (HEIDEGGER, 1971a, 27). Entretanto, o processo de objetificação que impera no domínio planetário da técnica reduz tudo à mera disponibilidade ao cálculo.

Diante dessa aparente fatalidade, a manifestação epocal do ser como técnica planetária, resta-nos apenas uma coisa a fazer: esperar que isso que é necessário pensar se enderece a nós e fale a nós. “*Esperar quer dizer aqui: de todos os modos procurar com o olhar, no interior do já pensado, o não pensado que ainda jaz oculto. Por uma tal espera/esperança nós já pensamos e estamos em movimento para Isso que deve ser pensado*” (HEIDEGGER, 1971a, 165).

O pensamento originário assume, portanto, a pretensão de ultrapassar a metafísica sem recorrer à lógica ou à gramática que governaram sua história até o presente. A lógica não passaria de uma das explicações da essência do pensamento, aquela que já se funda na experiência do Ser realizado pelo pensamento grego (HEIDEGGER, 1979a, 49). Essa experiência do Ser conhece uma *inversão* com Platão. Doravante, não é mais o Ser que determina o dizer e o pensar, mas é a lógica e a gramática que determinam o que é o Ser objetivado na *Ideia*. É certamente pensando na *experiência do Ser* no dizer e no pensar dos pensadores e poetas gregos anteriores à *viragem* platônica, que Heidegger considera o pensamento fundamental como aquele cujos pensamentos não apenas calculam, mas são determinados pelo outro do ente, ou seja, o próprio Ser.

No *Posfácio* (1943) de *O que é metafísica? (Was ist Metaphysik?)*, Heidegger procurou delinear os traços básicos desse pensamento originário apto a ultrapassar a penúria de nossa época. Esse pensamento do Ser não procura apoio no ente. Sua atenção está voltada aos lentos

sinais do que não pode ser calculado e neles reconhece o *advento* do inelutável, que não pode ser antecipado pelo pensamento. O auxílio que este pensamento presta não prova sucessos porque não precisa de repercussão (HEIDEGGER, 1979b, 51). Esse pensamento originário está na busca constante da palavra através da qual a verdade do Ser chega à linguagem. Nessa busca, o pensamento é solícito ao Ser e nessa solicitude para com o Ser, esse pensamento cumpre seu destino. O dizer desse pensamento originário vem de um silêncio longamente guardado e que também é fonte do nomear do poeta (HEIDEGGER, 1979b, 51).

O fato do acesso a esse pensamento originário possuir o caráter de um *retorno* às fontes originárias da metafísica, não pressupõe qualquer espécie de renascimento do pensamento pré-socrático. “... *trata-se, isto sim, de prestar atenção ao advento da ainda não enunciada essência do des-ocultamento que é o modo como o Ser se anunciou. Entretanto, velada permanece para a metafísica a verdade do Ser ao longo de sua história, de Anaximandro à Nietzsche*” (HEIDEGGER, 1979b, 57). Entre os gregos, particularmente nos pensadores pré-socráticos, o ser era pensado e dito, ou melhor, se deixava pensar e dizer como *physis*, ou seja, como um permanecer no desvelado, no estado de *aletheia*, mas que tinha como condição de possibilidade o velamento do qual emerge e para o qual tende todo desvelar. A partir de Platão, o ser foi entificado, concebido como causa e fundamento do ente. A partir desse começo grego e por causa dele, a metafísica ocidental fixou-se em um sentido limitado do ser, tomando-o como o que está aí efetivamente dado, como a substância (*Ousia*), enfim, como mero fundo de reserva (*Bestand*) disponível ao cálculo.

Na conferência *Ciência e Meditação (Wissenschaften und Besinnung)* (1953), Heidegger retoma, mais uma vez, a questão da possibilidade de um pensamento originário capaz de ultrapassar a metafísica e o império da técnica. Tal pensamento certamente não nos conduzirá para nenhum outro lugar, senão àquele no qual desde sempre já moramos. Esse pensar dócil ao *apelo do Ser* não se confunde com o saber objetivante da ciência, nem com a pacífica aquisição de cultura. Esse pensamento originário percebe a fragilidade das representações exatas do pensamento calculador, que são incapazes de representar e esgotar o mistério do retraimento do Ser naquilo mesmo que se presentifica – o ente. O pensamento originário seria, portanto, fundamentalmente a experiência de uma dimensão pré-reflexiva, que Heidegger chama de *Clareira (Lichtung)* – uma espécie de iluminação, mais existente que o próprio existente e que é condição de possibilidade de todo *dar-se*. “*Somente esta clareira nos garante a nós os homens um passo ao existente que nós não somos e o acesso ao existente que somos. Graças a essa clareira, o existente desvela-se em certa medida*” (HEIDEGGER, 1972, 44-45).

O pensar originário, portanto, aproxima-se das coisas não através do olhar objetivante, que abole qualquer distância ou proximidade no espaço puro da geometria. Ele sabe que toda presença (*Anwesen*) traz em si uma certa *reserva*, pois a *Clareira* (*Lichtung*) em que está o existente é em si mesma também ocultação, que se oculta e dissimula a si mesma. É justamente ao tentar experienciar esse jogo de retraimento do Ser que se dissimula, que o pensar originário consome a relação do Ser com a essência do homem. E somente mostrando isso que se retira e se subtrai, nós conseguiremos ser nós mesmos. Nós somos na medida que indicamos isso que se oculta. O homem seria, assim, um signo que indica algo que se oculta. Um signo, como dirá Hölderlin, vazio de sentido.

Na *Carta sobre o humanismo* (*Über den Humanismus*) (1947), esse pensar originário não produz essa relação, ele apenas a entrega ao Ser como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo próprio Ser. Nessa oferenda do pensar, o Ser tem acesso a sua morada – a Linguagem, a *casa do Ser* onde mora o homem. Pensadores e poetas são os guardiões desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do Ser, na medida em que pensam e dizem o que o Ser lhes enviou (HEIDEGGER, 1979c, 149). Nesse sentido, antes de falar, o homem deve aprender a escutar o *apelo do Ser*, escutando o pensamento que pensa e percebe que pouco lhe resta a dizer. Somente assim, afirma Heidegger, será devolvido à palavra o valor de sua essência e o homem poderá morar na verdade do Ser (HEIDEGGER, 1979c, 152).

Para uma época indigente como a nossa, Heidegger receita mais pensamento e menos filosofia. Um pensamento que não seja mais Filosofia e que pense mais originariamente que a “Metafísica”. Mas que tipo de pensamento será apto a assumir uma tarefa que nem a filosofia como metafísica nem a ciência conseguiram assumir e muito menos realizar? E qual seria o significado de uma possível sacralização do mundo por esse pensamento originário que pensa no âmbito da *clareira* a co-pertinência entre Ser, pensar, linguagem e homem?

No mundo do cálculo, a destruição das coisas atinge seu limite brutal no império da ciência e da técnica. Toda coisa é transformada em objeto redutível à representação de um suposto sujeito cognoscente. Na conferência intitulada *A coisa* (*Das Ding*)⁴ (1950), Heidegger faz o seguinte diagnóstico: a coisidade (*Dingheit*) da coisa permanece oculta, anulada e destruída pela ciência. Apesar de todo avanço técnico e da supressão de todas as distâncias, o homem não se coloca próximo suficientemente

⁴ Conferência pronunciada na Academia de Belas Artes da Bavária, em 6 de junho de 1950. As citações no corpo do texto obedecem à edição francesa – Cf. HEIDEGGER, M. *Essais e conférences*, op. cit.

da coisa para interrogá-la em sua coisidade (HEIDEGGER, 1958, 52). No âmbito dessa supressão das grandes distâncias operada pelos artefatos técnicos, tudo nos é igualmente próximo e igualmente distante. Tudo é, por assim dizer, sem distância. E somente pertencemos a um mundo, observa Heidegger, quando podemos estar situados, próximos ou distantes das coisas, elas mesmas familiares ou inquietantes. Ora, a espacialização, a uniformização e a calculabilidade de todas as relações introduzem isso, que o filósofo chama de *sem-distância* que abole toda proximidade e toda distância (cf. HEIDEGGER, 1958).

Portanto, para o pensamento objetivante e dessacralizador da ciência e da técnica simplesmente não existem homens, coisas e mundo, mas apenas sujeitos e objetos que se relacionam mecanicamente no espaço puro da geometria. Essa visão dessacralizante do mundo e das coisas imposta pelo olhar objetificante da ciência não consegue ver, por exemplo, que na água jorrada da fonte, as rochas permanecem presentes. E nelas, o sono pesado da terra, que recebe do céu a chuva e o orvalho. As núpcias do céu e da terra, portanto, estariam presentes nessa água jorrada da fonte, que o pensamento calculador não vê senão como um *objeto* disponível ao poder desafiador da técnica. As núpcias do céu e da terra também estão presentes no vinho, dado a nós pelo fruto da vinha, na qual a força nutriz da terra e a força solar do céu estão confiadas uma a outra. Portanto, afirma Heidegger, tanto no jorrar da água da fonte, como na oferenda do vinho na jarra, terra e céu estão cada vez presentes e conspiram para trazer algo à presença (HEIDEGGER, 1958, 204).

Entretanto, salienta Heidegger, esse presentificar das coisas no mundo não envolve apenas as núpcias entre o céu e a terra, mas exige também a presença dos mortais e dos imortais. O vinho que se verte da jarra na oferenda é a bebida dos mortais. Ela aplaca sua sede e anima seu lazer e vagar. Mas, às vezes, o vinho vertido da jarra é ofertado em consagração, então ele não saciará qualquer sede. A libação é uma bebida ofertada aos deuses imortais. Assim, os mortais e os divinos, cada um a sua maneira, estão presentes na oferenda disso que é ofertado. "*Na oferenda do vinho ofertado, a terra e o céu, os divinos e os mortais estão reunidos. Eles se pertencem e se determinam reciprocamente*" (HEIDEGGER, 1958, 204-205)⁵. Esses quatro se articulam na constituição da coisidade de todas as coisas, sagradas ou profanas, entretanto, são invisíveis para o olhar objetivante e calculador da técnica.

Uma ressacralização do mundo exigiria, portanto, que reaprendêssemos a ver o encontro dos mortais e dos imortais, do céu e da terra nas coisas que nos cercam. Somente assim, o homem poderá construir novamente

⁵ Sobre o *Geviert* conferir: *Bauen, Wohnen Denken e Das Ding*, p. 211-215.

sua morada no mundo e reencontrar a essência de sua própria finitude enquanto o mortal que ele é. Esse jogo do mundo entre céu e terra, mortais e imortais, não pode ser representado ou fundamentado por nenhuma doutrina ou religião. Nossa gramática e nossa lógica são incapazes de apreender o que está em jogo nesse múltiplo espelhamento das quatro instâncias, cujo ajuntamento constitui o ser das coisas presentes que duram (HEIDEGGER, 1958, 217).

Após tais reflexões sobre a coisa, que certamente muitos “*críticos*” de Heidegger rotulariam de “*romance do espírito*” ou de “*esoterismo estéril*”, cabe esclarecer melhor o papel e a direção do *pensamento do Ser* nesse processo de sacralização do mundo e das coisas. Antes de mais nada, Heidegger explica que na expressão *pensamento do Ser*, o Ser não deve ser pensado como um objeto nem o pensamento como uma simples atividade do sujeito. O pensamento, diz Heidegger, que está apto a sacralizar nossas relações com as coisas, não se esgotaria numa simples re-presentation de uma coisa diante de nós. O Ser, para esse pensamento originário, não se identifica com a realidade ou com um real que se venha constatar. Esse pensar dócil ao *apelo do Ser* não se contenta jamais em apenas re-presentar uma coisa real, tomando-a como verdade, mas abre na verdade um acesso ao sagrado. “*E somente a partir da essência do Sagrado deve ser pensada a essência da divindade. E, finalmente, somente na luz da essência da divindade (Gottheit) pode ser pensado e dito o que deve nomear a palavra Deus*” (HEIDEGGER, 1979c, 162).

Infelizmente, parece que esse homem de um tempo indigente não pode sequer questionar, com seriedade e rigor, se o Deus se aproxima ou se subtrai. Ele não pode sentir a indigência como tal. Esse homem não reconhece mais esse mundo uniforme do cálculo como sua morada. Ele se sente estranho em sua própria casa, apesar de ver sua marca em toda parte.

Conclusão

As considerações precedentes trazem à luz questões que permaneceram em aberto para o próprio Heidegger. Caminhos que, como as trilhas nas florestas, interrompem-se bruscamente, mas que justamente nessa interrupção nos incita a continuar a pensar. A leitura heideggeriana do fenômeno da técnica parece nos conduzir a seguinte constatação: se é certo que a técnica plenifica o niilismo, o desenraizamento do homem, o desencanto da Natureza, o esquecimento do Ser e a fuga dos deuses; por outro lado, ela é também o âmbito no qual emerge a possibilidade de um *retorno ao Ser* a partir de um *novo começo*, que inauguraria uma época na qual nossas relações com as coisas não se fariam apenas pela mediação

da técnica. Essa constatação traria consigo uma série de implicações. Permanece incerto, por exemplo, se a civilização mundial será em breve subitamente destruída ou se cristalizará numa longa duração que não resida em algo permanente, mas que se instale, muito ao contrário, na mudança contínua em que o novo é substituído pelo mais novo – o reino da *Ersatz* (substituição de tudo por tudo).

Não temos nada a fazer para evitar ou amenizar os efeitos devastadores do domínio planetário da técnica, só nos resta *esperar*. Uma espera que não significa submissão ou resignação, uma vez que o Ser necessita da espera, da ajuda e da conversão do homem para mudar a época, revertendo o processo de objetificação do mundo pelo cálculo. Nesse sentido, nenhuma instância ou doutrina de caráter ético-político poderá promover esse *retorno ao Ser*. Tratar-se-ia, assim, não de salvar o homem ou evitar o apocalipse nuclear, mas de salvar o *Ser* daquilo que unicamente pode pô-lo em perigo, e que é ele próprio em sua implacável manifestação no reino planetário da Técnica. Nenhuma vontade humana, individual ou coletiva, poderá controlar esse destino do Ser na era da técnica. Pelo contrário, é o homem quem mais sofre suas consequências. É ele a primeira vítima, o primeiro a ser explorado e provocado por ela, aquele que, mais que qualquer outro ente, se converte numa simples existência, a primeira e fundamental matéria-prima.

Não é por acaso, pois, que hoje assistimos a um colossal e gigantesco processo de planificação e burocratização, de uniformização de estilos de vida, de instrumentalização da linguagem e de esfacelamento do sagrado. A linguagem, ora informatizada, ora simplesmente nivelada pelas mídias, reduz-se a um veículo de mensagens pré-estabelecidas. Transformada num simples instrumento de comunicação, a linguagem se insurge contra a palavra, excluindo dela mesma toda capacidade original de mostraçã das coisas. Será que a necessidade de uma linguagem poética se faz ela ainda sentir nesse *funcionário da técnica* muito bem *adaptado* a sua tarefa de regulador dos circuitos de produção e de consumo?

Heidegger insiste em dizer que o pensamento precursor não quer nem pode predizer um futuro, mas procura apenas ditar para o presente algo que há muito, exatamente no começo da Filosofia, já lhe foi dito, e que, entretanto, não foi propriamente pensado – que todo ente é no ser. Portanto, o papel do autêntico pensador do Ser é desviar-se do alarido e da inquietação fervilhante do mundo da técnica e penetrar nessas sendas perdidas, situando-se em perspectivas que mostrem que a técnica não se basta.

Quando em sua entrevista à revista *Der Spiegel*, Heidegger é incitado a responder do que se trata de questionar na técnica, já que tudo funciona

aparentemente bem, o filósofo responde que é justamente isso que é preocupante.

Tudo funciona. Isto é o inquietante, que isto funcione, e que este funcionamento exija sempre um novo funcionamento, e que a técnica sempre separe mais o homem da terra, desarraigando-o. Não sei se isto lhe aterroriza, a mim, encheu-me de pavor ver agora as fotografias da lua sobre a terra. Não temos necessidade da bomba atômica, o desarraigamento do homem já está aqui. Não dependemos senão de condições técnicas. Não é mais uma terra sobre a qual o homem vive hoje... (Cf. *Spiegel*, 1966).

A questão que se colocaria então seria: como preparar novamente o mundo para que o homem possa novamente nele construir sua casa e morar? Vimos que na perspectiva heideggeriana, a filosofia não pode produzir um efeito imediato que possa fazer mudar o estado presente do mundo. Isto não vale apenas para a Filosofia, mas para todas as preocupações e aspirações por parte do homem. Resta-nos, como única possibilidade, preparar, mediante o pensamento e a poesia, uma disponibilidade para a aparição do sagrado ou para sua ausência em nossa decadência. Em último caso, cabe a nós decidir se da noite desse tempo de penúria e indigência surgirá *novo começo* para o pensamento do Ser.

Referências

- HEIDEGGER, M. *Da experiência do Pensar*. Maria do Carmo T. Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969b. (Cf. *Aus der Erfahrung des Denken* (1947). 4. Aufl. Pfullingen: Günter Neske, 1977).
- _____. "Entrevista póstuma". In: *Der Spiegel*. 1966. [sem dados].
- _____. *Essais et Conférences*. Trad. A. Preau. Paris: Gallimard, 1958. (*Vortrag und Aufsätze*. (1954). 3. Aufl. Pfullingen: Günther Neske, 1967, 3 v.)
- _____. *Fim da Filosofia e a tarefa do pensamento*. Op. cit. 1979a. (Col. Os pensadores) (*Das Ende der und die Aufgabe des Denkens*. In. Auft. Tübingen: Max Niemeyer, 1969).
- _____. *Holzwege*. Aufl. Frankfurt: V. Klostermann, 1972. (Coletânea).
- _____. *Introdução à Metafísica*. Trad. Emmanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969a. (*Einführung in die Metaphysik*. 1935) (pub. 1953). Auft. Tübingen: Max Niemeyer, 1957).
- _____. *Qu'est-ce que'une chose?* Trad. par Rebut et alii. Paris: Gallimard, 1971b. (*Die Frage nach dem Ding* (1935-6). Tübingen: Max Niemeyer).
- _____. "Que é Metafísica?" In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. E. Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979b. (*Was ist Metaphysik?* (1929). 11. Auf. Frankfurt: V. Klostermann, 1975).

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia S. Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. (*Sein und Zeit*. 8 unveränderte Auft. Tübingen: Max Niemeyer, 1957).

_____. “Sobre o humanismo”. In: *Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril cultural, 1979c. (Os pensadores). (Cf. *Über der Humanismus* (Brief a Jean Beaufret, Paris) (1946). 2 Frankfurt: V. Klostermann, 1951).

_____. *Was heisst Denken?* (1954). 3. Aufl. Tübingen: Max Niemeyer, 1971a.

Literatura Crítica – obras consultadas

BEAUFRET, J. *Dialogue avec Heidegger*. Paris: Minuit, 1973, 4 v.

BIEMEL, Walter. *Le concept de monde chez Heidegger*. Paris: Louvain, 1950.

BIRAULT, Henri. *Heidegger et l'expérience de la pensée*. Paris: Gallimard, 1978.

FARIAS, Vitor. *Heidegger e o Nazismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GADAMER, Hans-Georg. *Heidegger et la Langage de la Methaphysique*. Paris: Archives de Philosophie, 1973.

_____. “Heidegger et l'Historie de la philosophie”. In: *Cahier de L'Herne – Heidegger*. Paris: L'Herne, 1983.

LOPARIC, Z. *Heidegger Réu – Ensaio sobre a periculosidade da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. *Ética e finitude*. São Paulo: EDUC, 1995.

_____. “Heidegger e a pergunta pela Técnica”. *Cad. de História e Filosofia da Ciência*, Série 3, 6: 2, (jul-dez. 1996), p. 107-138.

MACDOWELL, J. A. *A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger*. São Paulo: Herder, 1970.

PÖOGELER, Otto. *Le pensée de Heidegger, un cheminement vers l'être*. Paris: Aubier, Ed. Montaigne, 1967.

RESWEBER, Jean-Paul. *La pensée de Martin Heidegger*. Toulouse: Privat, 1971.

Recebido em maio 2012.

Aceito em outubro 2012.